

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DO MALHA DE FERRO, PANÓIAS.

VIANA, Abel, et al.

Ano: 1960 | Número: 70

Como citar este documento:

VIANA, Abel, et al., O Monumento pré-histórico do Malha de Ferro, Panóias. *Revista de Guimarães*, 70 (1-2) Jan.-Jun. 1960, p. 21-26.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O monumento pré-histórico do Malha Ferro (Panóias)

Por ABEL VIANA
RUY FREIRE DE ANDRADE e
O. DA VEIGA FERREIRA

I — Descoberta

Em 25 de Janeiro de 1958, ao continuarmos o levantamento geológico na área de Panóias, deparamos com os esteios de um grande monumento cuja planta era evidenciada, em parte, pelo afloramento dos mesmos. Nesse mesmo ano apresentámos uma comunicação ao I Congresso Nacional de Arqueologia onde se falou, pela primeira vez, deste e de outros monumentos megalíticos do Baixo Alentejo.

II — Situação e Geologia

Situado na Herdade do Malha Ferro, freguesia de Panóias e concelho de Ourique. O local onde construíram este monumento é, como acontece muitas vezes, no bordo duma dobra de terreno dominando a suave ladeira que desce até à estreita várzea do Sado, uns 1000 metros a montante do sítio onde passa a estrada de Aljustrel-Garvão.

O terreno onde se situa a sepultura é geologicamente constituído por um afloramento de margas com concreções calcárias pertencentes ao Oligocénico.

III — Descrição do túmulo

Este monumento é o maior de todos os que até agora explorámos ou localizámos na vasta zona já investigada. A sua pesquisa começou a 25 de Janeiro de

1958 e durou até 1 de Fevereiro, sofrendo uma interrupção, por causa do estado do tempo, até 20 do mesmo mês, terminando a 22.

Depois de explorado, apresenta, em planta, os seguintes compartimentos: átrio, pequena galeria e grande cripta circular. O átrio é composto por 6 esteios, 2 de um lado e 4 do outro.

O corredor estava orientado na direcção NO-SE, tinha 5 esteios do lado direito e quatro do esquerdo, não contando um que jazia no corredor e que talvez tivesse sido o que serviu de batente no lado direito da porta de entrada.

A câmara, quase perfeitamente circular, conservou apenas 21 esteios. Devem faltar uns 12. Desapareceram os que foram extraídos há poucos anos, na ocasião em que o arvoredor, de azinheiras e alguns sobreiros, foi arrancado para carvão, e se lavrou o terreno para cultivo de cereais.

Os esteios são, no geral, estreitos e de pouca grossura, alguns deles verdadeiras lajes rectangulares.

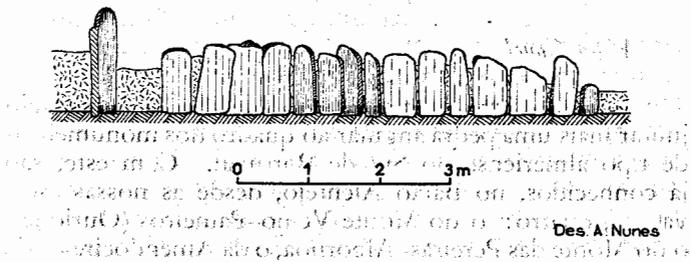
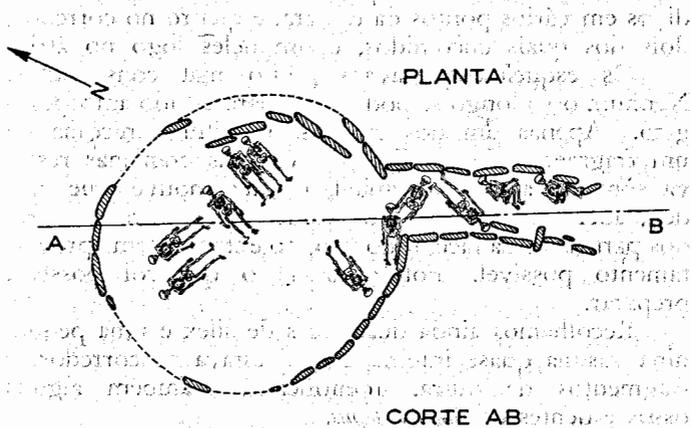
Não excluímos a hipótese desta enorme sepultura ter sido espoliada em tempos históricos. A posição dos esqueletos que encontrámos indica, todavia, que o revolvimento da câmara somente se deu nos dois pontos em que foram arrancadas as árvores.

Facto muito curioso e importante, porém, foi o termos achado evidentes indícios do desabamento da cúpula em tempos que supomos não muito posteriores ao da gente que construiu este monumento funerário. Efectivamente, os três grandes esteios do topo da câmara, isto é, fronteiros à entrada desta, estavam completamente tombados, apanhando ainda parte dos esqueletos, e que na planta deste monumento assinalamos com as letras *a, b*.

Cinco esteios do lado direito achavam-se muito inclinados para dentro; e assim o figurámos na planta, com o propósito de salientarmos tal pormenor. O desaprumo de um destes esteios e a queda de outros devem-se, certamente, ao enorme peso da cúpula, assente em muito frágeis esteios de grauvaque pouco rijo, os quais não puderam suportar tamanha carga. Além disso, entrou em função, o enorme diâmetro da falsa cúpula.

Viu-se que o desabamento desta foi total e de uma só vez, ficando as lajes, estreitas e bastante compridas,

acamadas e apertadamente imbricadas no pavimento da câmara mortuária, em sua grande maioria dispostas diagonalmente ao eixo longitudinal do monumento e da esquerda para a direita. Estas lajes constitutivas da falsa cúpula eram, como se disse, compridas e estreitas, algumas com cerca de um metro de comprimento por 0,25 m. de largo e 10 ou 12 cm. de grossura. Deviam, portanto, permitir



Planta do Monumento do Malha Ferro

grande «entrega», e só assim seria praticável a construção de uma abóbada circular de tanta amplitude.)

Este monumento do Malha Ferro constitui um dos mais claros exemplos probatórios da cobertura em falsa cúpula usada em muitas sepulturas dolmênicas do Alentejo e do Algarve, tanto em monumentos de câmara circular ou poligonal e corredor, como em cistas megalíticas do tipo das do concelho de Ourique e dos arredores

das Caldas de Monchique, em que as câmaras mortuárias são como pequenas galerias cobertas, ora curtas, ora alongadas, a que, todavia, não podemos dar tal classificação.

IV—Espólio

Recolhemos onze esqueletos, sete dos quais estendidos em vários pontos da câmara, e quatro no corredor, dois dos quais encolhidos, e um deles logo no átrio.

Os esqueletos estavam muito mal conservados. Nenhum osso longo se pôde obter para estudo antropológico. Apenas um dos crâneos permitiu a recôlha de um fragmento de maxilar. Das caixas cranianas restava sômente a zona occipital, e uma houve que nos deu, aderente ao grosseiro molde interno, grande parte dos parietais e da face, tudo isto, no entanto, sem aproveitamento possível. Fotografou-se o que foi possível preparar.

Recolhemos ainda duas facas de sílex e uma pequenina vasilha quase inteira, a qual estava no corredor, e fragmentos de outra. Identificámos também alguns ossos e dentes de *canis* e *lepus*.

V—Conclusão e Cronologia

A descoberta do monumento do Malha Ferro veio juntar mais uma pedra angular ao quadro dos monumentos de tipo almeriense, do Sul de Portugal. Com este, são já conhecidos, no Baixo Alentejo, desde as nossas escavações, quatro: o do Monte Velho-Palheiros (Ourique), o do Monte das Pereiras-Albornoa, o da Amendoeira-Vale de Santiago e o do Malha Ferro. Todos eles têm a mesma planta, com ligeiras diferenças. Dois deles, o do Monte das Pereiras e Malha Ferro têm um pequeno átrio. O do Monte Velho tinha a cripta lajeada e uma divisória do tipo da do monumento de Cacula (Algarve) e das de Los Millares, no Sueste espanhol.

O espólio do Malha Ferro é muito pobre pelas circunstâncias já atrás apontadas, no entanto, a única vasilha completa, que escapou à pilhagem tem todas as características, não só na forma como no barro, das encontradas em monumentos da Cultura de Almeria.

Embora ainda não tenhamos a confirmação de que estes povos de Almeria, que, estamos convencidos, eram mineiros, se expandiram para regiões de minas e aí se estabeleceram e constituíram as necrópoles, podemos afirmar que se espalharam pelo sul do nosso País, subindo até ao Alto Alentejo e talvez, depois das descobertas nos arredores de Lisboa, tivessem atingido esta área. Ficamos na dúvida, por causa do local das estações ultimamente descobertas, pois estão todas à beira mar. São exemplos frisantes a Samarra e a Praia das Maças.

A Cultura de Almeria—Los Millares—Almizaraque é mais antiga que a Cultura do vaso campaniforme, mas esta chegou primeiro às embocaduras do Sado e do Tejo e aí se estabeleceu, como os achados arqueológicos amplamente o têm demonstrado e nós, mais de uma vez, o temos tratado. Se a Cultura de Almeria veio por terra, como parece demonstra-lo a sequência de achados do Algarve ao Alentejo, quando chegou ao Sado já não passou além, pois ali estavam já instalados os portadores da Cultura do vaso campaniforme. Como se explica, deste modo, a presença de monumentos de tipo almeriense na Samarra e Praia das Maças? Só uma explicação é possível: a vinda, por mar, tal qual parece terem feito os cultores do vaso campaniforme.

De qualquer forma, a descoberta de monumentos da Cultura de Almeria no Baixo Alentejo, parece ser da mais alta importância para o conhecimento daquela cultura em áreas onde nunca tinha sido assinalada. O monumento do Malha Ferro ocupa, pois, um lugar de relevo na arqueologia baixo-alentejana, tal qual os três outros de falsa cúpula já mencionados. A sua construção deve datar, aproximadamente, de 2000 anos antes de Cristo.

BIBLIOGRAFIA

CERDÁN MARQUEZ e LEISNER, GEORG e VERA — Los sepulcros megalíticos de Huelva. *Informes y Memórias*, n.º 26. Madrid, 1952.

ESTÁCIO DA VEIGA — *Antiguidades monumentais do Algarve*. Lisboa, 1886-1891.

LEISNER, GEORG e VERA — *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel*. Berlin, 1943-1959.

LEISNER, G. — O dólmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo. *Biblos*. Coimbra, 1944.

LEISNER, G. e VERA — *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura magalítica em Portugal*. Lisboa, 1951.

SANTOS ROCHA, A. — Dólmenes de Alcalar. *Bol. Soc. Arch. Santos Rocha*, n.º 1. Figueira da Foz, 1904.

VEIGA FERREIRA e RODRIGUES CAVACO — O monumento pré-histórico do Lousal (Grândola). *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIII. Lisboa, 1952.

VEIGA FERREIRA e LEISNER, VERA — Dólmenes de Trigache e Adabeja. *Com. 1.º Cong. Nac. de Arqueologia*. Lisboa, 1958.

VEIGA FERREIRA e CAMARATE FRANÇA. — Estação pré-histórica da Samarra (Sintra). *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIX. Lisboa, 1958.

VIANA, ABEL — O monumento megalítico da Folha da Amendoeira (Odivelas do Alentejo). *Zephyrus* IV. Salamanca, 1953.

VIANA, ABEL, FREIRE DE ANDRADE, ZBYSZEWSKI, VEIGA FERREIRA e SERRALHEIRO, A. — Contribuição para o conhecimento da cultura megalítica do Baixo Alentejo. *Com. 1.º Cong. Nac. de Arqueologia*. Lisboa, 1958.

VIANA, ABEL, FREIRE DE ANDRADE e VEIGA FERREIRA, O. da — O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Com. Serv. Geol. de Portugal* (no prelo).

O MONUMENTO DO MALHA FERRO



1. — *A cripta durante a escavação.*

